Revista da Escola, Professor, Educação e Tecnologia

Progressão automática e exclusão escolar oculta: duas das principais causas do baixo nível de aprendizado na alfabetização

Americo Nobre G. F. Amorim
Escribo Inovação para o Aprendizado
americo@escribo.com

Resumo: Este artigo usa a perspectiva antropológica para compreender o povo e suas dinâmicas em relação à educação. Foram avaliadas atividades em sala de aula e as influências culturais que afetam as escolas. Após análise de estudos sobre educação popular, analfabetismo e cultura escrita, foi constatado que, na maioria das vezes, professores(as) não educam para formar pessoas letradas, apenas alfabetizadas. Tal deficiência está ligada a uma série de fatores, como a divisão de estudantes em turmas "fortes" ou "fracas", o ambiente familiar onde estão inseridos(as), a segregação dos(as) que não se enquadram nos padrões (exclusão escolar oculta) e a facilidade na aprovação mesmo em casos de alunos(as) com baixo aprendizado (progressão automática). Combinados, esses fatores têm grande influência nos índices de evasão escolar e de baixo nível de aprendizado na alfabetização. Conclui-se que a perspectiva antropológica pode oferecer dados interessantes sobre os processos de alfabetização no país, bem como facilitar a elaboração de políticas públicas efetivas no combate ao baixo nível de aprendizado de leitura e escrita.

Palavras-chave: perspectivas antropológicas, evasão escolar, letramento, alfabetização brasileira

Abstract: This article uses the anthropological perspective to understand people, their dynamics and how education affects their lives. For this, classroom activities and cultural influences affecting schools were evaluated. After analyzing studies on popular education, illiteracy and written culture, it became clear that, for the most part of their careers, teachers do not educate people so they become literate and socially skilled *(letrado),* just literate (*alfabetizado*). This deficiency is linked to a number of factors, such as the division of students into "strong" or "weak" classes, the family environment where they live, the segregation of those who do not fit the standards (veiled schooling segregation) and ease of approval even in cases of students with low learning levels (automatic progression). Combined, these factors have a great influence on school dropout rates and low level of literacy learning. The conclusion reveals that the anthropological perspective can offer interesting data about the literacy processes in Brazil, as well as facilitate the elaboration of effective public policies to combat the low reading and writing levels.

Keywords: anthropological perspectives, school dropouts, Brazilian literacy

Progressão automática e exclusão escolar oculta: duas das principais causas do baixo nível de aprendizado na alfabetização

---

PROGRESSÃO AUTOMÁTICA E EXCLUSÃO ESCOLAR OCULTA: DUAS DAS PRINCIPAIS CAUSAS DO BAIXO NÍVEL DE APRENDIZADO NA ALFABETIZAÇÃO

Dentro dos problemas da educação brasileira, é preciso entender mais sobre o baixo desempenho no aprendizado de leitura e escrita na educação básica. De acordo com avaliações nacionais [1]:

- 66% dos alunos terminam o ensino fundamental sem o nível mínimo desejado para língua portuguesa; e
- 85% terminam o ensino médio sem aprender o mínimo esperado de matemática.

Essa questão atinge também o ensino superior, que conta com 50% de estudantes que são analfabetos funcionais [2]. Por isso, a proposta deste artigo é analisar os aspectos antropológicos e sociológicos da educação para apontar os principais desafios e caminhos que podemos seguir para melhorar a alfabetização no Brasil. Também foram investigadas as atividades em sala de aula e as normas culturais que afetam as escolas.

O aprendizado de leitura e escrita na visão da Antropologia

Analisando os fundamentos sociológicos e antropológicos da educação, inicialmente encontramos estudos com foco na alfabetização dos adultos [3]. Uma pesquisa recente aborda o retorno do interesse dos antropólogos pela educação popular como, por exemplo, a educação de jovens e adultos [4]. Há ainda textos que mostram um pouco mais do universo dos analfabetos e como eles se desdobram para participar das atividades sociais, mesmo sem ter o domínio da linguagem escrita que é exigido pela sociedade [4].

Outros estudos abordam as práticas orais e escritas na alfabetização brasileira [6]. A forma como escrevemos pode não ser a mesma em todos os lugares e épocas: ela influencia (assim como é influenciada por) questões pessoais e sociais. Isso acontece porque existem vários tipos de linguagem escrita, e diferentes grupos sociais podem interpretar o mesmo texto de maneiras diferentes.

Ainda precisamos pesquisar e aprender muito sobre como o analfabetismo vem abrindo espaço para a cultura escrita [6]. Termos essa consciência é importante para entender que a escrita e o analfabetismo não estão em lados opostos do aprendizado.

Letramento nos primeiros anos de alfabetização

Somente ensinar alguém a ler e escrever (*alfabetizar*) não é suficiente para desenvolver cidadãos *letrados*. Prova disso é um estudo feito em uma escola pública com uma turma do primeiro ano do Ensino Fundamental, durante 47 dias. O professor dessa turma entregou textos aos alunos para que eles conhecessem na prática a linguagem escrita, um avanço em relação aos métodos tradicionais de alfabetização.

Apesar disso, as crianças não chegaram a trabalhar com gêneros textuais variados, muitas vezes apenas memorizavam os mesmos textos. As tarefas da classe eram copiar palavras e sílabas, e o aprendizado sobre o uso desses textos na vida em sociedade (*letramento*) ficou em segundo lugar. Os estudantes não se tornaram letrados – em vez disso, estavam apenas aprendendo a traduzir sons em textos [7].

Outra pesquisa encontrou um fato interessante: a busca pela uniformidade [8]. A escola analisada separava os alunos em turmas “fracas” e “fortes”, de acordo com o desempenho deles em testes e questões subjetivas.

Ao analisarem a trajetória de cinco turmas escolares, as pesquisadoras construíram o conceito de "exclusão escolar oculta" [9]. Esta exclusão aparece em algumas falas, gestos e olhares entre professores(as) e alunos(as) quando a escola segrega, abandona e praticamente elimina alunos que não se enquadram nos padrões.

Esses(as) professores(as) costumam ignorar a cultura, as reflexões e até mesmo o interesse dos alunos em participar mais do dia-a-dia da escola. Os estudantes devem simplesmente aprender o conteúdo – em silêncio.

Nesta pesquisa, temos dados interessantes sobre o baixo desempenho dos alunos em processo de alfabetização. O primeiro é que os(as) professores(as) deixaram os padrões de lado. Por exemplo: apesar de os alunos terem livros escolares atuais, certos(as) professores(as) com costumes mais tradicionais ignoravam esses materiais [7].

Progressão automática, segregação e exclusão escolar oculta: combustível explosivo para o baixo nível de aprendizado e a evasão escolar

A Antropologia pode fornecer insights poderosos sobre como as relações e organizações sociais afetam o problema do aprendizado de leitura e escrita no Brasil.
Em relação aos(as) professores(as), é preciso entender por que eles(as) muitas vezes acham inadequado utilizar os novos métodos de ensino. Seria uma questão de falta de familiaridade com estas estratégias pedagógicas diferentes? Falta de motivação por não acreditar nos resultados? Comodismo? Um amplo estudo etnográfico poderia responder a essas questões, muito úteis para a formação de políticas públicas voltadas ao fortalecimento do aprendizado.

Outro ponto chave nessa discussão é o termo "letramento". Os alunos não estão se tornando letrados, mas os(as) professores(as) e as famílias de baixa renda entendem isso? Os profissionais brasileiros são *letrados* ou apenas *alfabetizados*? Com essas perguntas, podemos entender o tamanho real do problema.

Também precisamos falar da segregação dos alunos. O próximo passo seria discutir se separar grupos de estudantes por notas é justificável ou se apenas ajuda os(as) professores(as) a lidar com turmas mais uniformes. Isso tende a deixar o trabalho mais fácil, em classes de baixo desempenho; eles podem dedicar menos esforço e exigir menos de seus alunos, o que pode resultar em um menor nível de aprendizado. Essa segregação só torna o aprendizado mais difícil para os alunos com baixa escolaridade, além de incentivar certa indiferença nos(as) professores(as), o que pode afetar seu desempenho em aulas que exijam uma alta dedicação.

A exclusão escolar oculta é provavelmente um dos piores problemas das escolas brasileiras, porque parece ter raiz no que pode ser considerado o pior aspecto da nossa cultura, que é o "jeitinho brasileiro". "jeitinho" não significa "fazer um favorzinho para alguém" ignorando algumas tarefas burocráticas. Nesse caso, "jeitinho" que dizer ocultar um processo de segregação grave. Poucos professores admitem que simplesmente desistem de uma parte de seus alunos. Esse processo gera sérios efeitos para as crianças.

Por conta das políticas educacionais brasileiras, é praticamente impossível um aluno brasileiro não passar de ano. Mesmo reprovado, o estudante passa para a próxima série e deveria participar de um programa de recuperação – que em muitas escolas existe apenas no papel.

As crianças segregadas não aparecem nas estatísticas de retenção porque elas avançam exatamente como os outros alunos. O problema é que elas não aprendem nem o básico, então quando enfrentam uma avaliação externa, por exemplo a Prova Brasil no quinto ano, não conseguem atender aos requisitos mínimos. Essa estrutura complexa (exclusão + progressão automática) acaba restringindo as chances do estudante de avançar e conviver em sociedade.

Por fim, mais um ponto a ser analisado é o ambiente familiar. Uma pesquisa antropológica pode descobrir se, aqui no Brasil, existem padrões de linguagens diferentes em famílias de classes sociais diferentes – caso parecido com uma ampla pesquisa feita com crianças norte-americanas [10]. Entender essas e diversas outras questões é indispensável para compreendermos os processos de alfabetização no país, e assim desenharmos políticas públicas e estratégias didáticas para superar o baixo nível de aprendizado de leitura e escrita.

Referências

[1] Qedu. (2015). *Aprendizado dos alunos: Brasil*. Disponível em: http://goo.gl/R6BX3w

[2] Globo. (2012, November 26). DFTV 2ª Edição. Brasília, DF: Rede Globo. Disponível em: http://goo.gl/8n6ACD

[3] Cipiniuk, T. A. (2014). Levantamento temático em Cadernos de Pesquisa: processos de alfabetização e analfabetismo. *Cadernos de Pesquisa*, *43*(150), 1026-1041.

[4] Lovisolo, H. (1988). A educação de adultos entre dois modelos. *Cadernos de Pesquisa*, (67), 23-40.

[5] Garcia, M. (1990). Um saber sem escrita: visão de mundo do analfabeto. *Cadernos de Pesquisa*, (75), 15-24.

[6] Magalhães, S. M. D. C. (2012). Oralidade e Cultura Escrita na Abordagem da História da Alfabetização. O *público e o privado*, (2).

[7] Macedo, M. D. S., & Almeida, A. C. (2013). Alfabetização de crianças de seis anos e a ampliação do Ensino Fundamental: um estudo de caso. *Educação em Foco*, *16*(22), 119-141.

[8] CARNEIRO, F. H. P. (2006). *Caminhos da alfabetização em Minas Gerais: um olhar etnográfico para o ciclo inicial de alfabetização.* (Masters dissertation). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

[9] Picetti, J. S., & Real, L. M. C. (2008). A relação entre os saberes comunitários e os conteúdos escolares no processo de alfabetização.*Acolhendo a Alfabetização nos Países de Língua Portuguesa*, *2*(3), 10-23.

[10] Hart, B., & Risley, T. R. (2003). The early catastrophe: The 30 million word gap by age 3. *American Educator*, 27(1), 4-9.